



GAC

newsletter



nº 6 – Outubro / 2019 • boletim online •  gacomunitaria

O nosso Agosto

Neste texto vamos salientar as principais visitas e atividades por nós realizadas no verão deste ano.

O primeiro passeio que efetuámos este verão foi a Cascais, com uma passagem pelo Museu Paula Rego, também chamado *Casa das Histórias*, que tivemos oportunidade de visitar. Depois fomos, como é habitual nos nossos passeios, fazer um piquenique no Jardim Marechal Carmona. Visitámos o Museu das Marionetas, com uma exposição temporária sobre Marionetas manufaturadas na China. Fomos também ao Museu das Comunicações e vimos a exposição sobre os Correios de Portugal. Tivemos oportunidade de ver a nova versão do filme *Rei Leão*, que está muito bem feita e que tem uma história muito bonita. Visitámos a Torre do Tombo, onde vimos a exposição sobre Lisboa Medieval – *Água, Pão e Carne* – devidamente documentada com objetos da época e com um filme efetuado para o efeito. Outra das nossas visitas foi ao Jardim Botânico da Ajuda, onde estivemos em contacto com um jardim inspirado nos Jardins de Versailles. E, para finalizar, fomos ao Padrão dos Descobrimentos, onde tivemos conhecimento da opinião dos turistas sobre Lisboa e visitámos o miradouro.

Foi um verão muito diversificado e divertido.

Paula Silva, Paulo Alves e Luís Severino

Ficha técnica

• Redatores:

Miguel Esteves, Paulo Sousa, Paula Silva, Felícia Ngongola, Luís Severino, Luís Filipe Costa, João Pedro António, Carla Gomes

• Colaboradores:

Bruno Tomás, Vanda Pires, Paulo Alves, Fábio Ramos, Isabel Encarnação

• Edição:

GAC - Grupo de Acção Comunitária - R. Vítor Santos, lote R8 - loja A, 1600-785 Lisboa, NIF: 503483877, www.gac.com.pt, geral@gac.com.pt

• Design gráfico:

Miguel Almeida e Fábio Ramos

Entrevista a Luís Aleluia



— Teve alguma influência externa que o levasse a enveredar pelas artes performativas?

— Sim, acabei por ter, através da relação que tive com uma instituição que frequentei dos 9 aos 12 anos, a Casa do Gaiato de Setúbal, onde se deu o meu primeiro contacto com o teatro, o palco, o público, os afetos, o que, no fundo, não é muito diferente da experiência que outras crianças têm felizmente hoje em dia nas escolas, onde preparam as suas festas e convívios, nos finais de período ou de ano letivo. Aconteceu assim também comigo lá, nos mesmos moldes, onde acabei por me integrar nesse grupo e de me salientar um pouco.

— Recorda-se de alguma situação, episódio ou pessoa na sua carreira de ator, que lhe tenha ficado na memória ou marcado mais?

— Há várias, sendo que nós vamos acumulando experiências e os atores estão num processo de aprendizagem constante e, dado a constante sucessão e alternância de trabalhos e experiências por que passamos, vamos como é natural, conhecendo, convivendo e interagindo com diferentes pessoas. A nossa vida de trabalho é intermitente: hoje fazemos televisão, mas isso pode ser por um período de seis meses ou pode ser só um episódio, depois fazemos várias peças de teatro com outros colegas. A nossa experiência em termos de interação humana com outras pessoas, com outras realidades, com outras profissões e mesmo regiões do país para as quais nos tenhamos que deslocar, faz com que haja várias pessoas a marcar-nos ao longo da carreira. Em televisão, posso destacar o Nicolau Breyner, o Morais e Castro, meu “parceiro” nas Lições do Tonecas e com quem tive uma enorme relação de amizade e cumplicidade e com quem aprendi bastante, a Linda Silva, sua mulher, que fazia na mesma série de mãe do Tonecas; no teatro não posso esquecer a Luísa Barbosa, o Carlos César, que me ajudou muito nesta área. A recente experiência de Bem-vindos a Beirais foi muito importante para mim, em que trabalhei e convivi com pessoas oriundas de vários grupos de teatro e de outros projetos de televisão, com as quais nunca tinha contracenado, tendo sido uma experiência muito agradável. Na minha vida destaco três pessoas como mestres e formadores; começo pelos formadores que foram a Ivone Silva e o Camilo de Oliveira, sendo o meu primeiro trabalho,

depois de deixar o Teatro de Animação de Setúbal e de iniciar no mundo do teatro, mais precisamente no teatro musicado, no Parque Mayer, com o Camilo, a Ana Zanatti, a Anita Guerreiro, o Luís de Mascarenhas, o Camacho Costa. Depois com o Camilo, tive oportunidade de trabalhar várias vezes, noutros momentos. Por sua vez, a Ivone Silva, ensinou-me muita coisa daquilo que eu faço ainda hoje, em que emprego muita técnica que ela me “passou”. Destaco também aquela que foi uma das maiores referências para mim, não só como homem, mas também como exemplo na nossa profissão, na entrega, na disponibilidade, na humildade de aprender constantemente e na transmissão do muito que sabe: o Sr. Ruy de Carvalho.

— O que é que lhe dá mais prazer: o teatro de palco ou a televisão?

— São duas formas de trabalhar diferentes, sendo que para mim, o ator tem mais prazer no teatro, porque a reação das pessoas é espontânea, nós temos pela frente a plateia que reage de imediato e o trabalho do ator necessita desse estímulo e desse imediatismo na representação. A televisão é mais fria, é mais distante, não é o ator que domina o produto. O ator pode, com efeito, estar a representar muito bem, mas há alguém que depois há-de ver quais são as falas que vão ser ou não aproveitadas para o efeito que o realizador quer. Isto faz, por assim dizer, com que o ator não seja aqui o ator principal, ao passo que no teatro, o ator é a figura principal, pela qual as pessoas estão ali. No fundo, o teatro acaba por ser uma mensagem: o teatro em si, aquilo que nós fazemos, é passar uma mensagem e aí conseguimos modular ou contornar a forma de a dar, adaptando-a às reações da plateia. Isto é possível em determinadas formas de teatro, no clássico é impossível. Gostaria de salientar que o teatro em si foi criado para haver uma fraternidade, uma união, uma proximidade, o estarmos juntos dentro do mesmo espaço a ouvir contar uma história e é isso que motiva um ator.

O "resto" é, por assim dizer, uma indústria – não é que o teatro não o seja de certa forma, na medida em que pertence a toda uma indústria cultural – mas devido ao facto de não depender só do ator mas de variadíssimos fatores e condicionantes. Enquanto na televisão, o ator é como que "colocado" nas casas das pessoas, é lá posto pelas estações de emissão, no teatro são as próprias pessoas que querem ir ver o ator ao teatro e pagam o bilhete para o ir ver. Por todas estas razões, o teatro para mim é primordial.

– Se hoje não fosse ator e empresário, o que seria?

– A minha primeira opção, ainda adolescente, e estava a estudar para isso, seria seguir direito. Passado todo este tempo como ator e de me apaixonar, de tanto aprender e de tanto me envolver nesta profissão, já não seguiria direito, neste caso advocacia, mas outra maneira de estar dentro da comunicação, também. Se não fosse ator, provavelmente, procuraria uma outra profissão que estivesse dentro da área da comunicação.

– Nos tempos que correm, acha que o humor contribui para uma atitude mais otimista perante o futuro, já que também participou em produções de cariz humorístico e, já agora: como está o humor em Portugal?

– Eu considero que o humor faz parte da vida e somos tanto mais felizes quanto mais o humor estiver presente na nossa vida, começando por coisas tão simples como um sorriso, por exemplo, por uma coisa positiva, que nos dispõe bem; eu diria que é quase como um produto fertilizante da própria vida que nos faz crescer e nos torna mais felizes e ao mesmo tempo é terapêutico, em problemas como o stress e variadíssimos outros problemas muito atuais. Considero que as pessoas deveriam aproveitar essa capacidade de que só o homem tem de fazer rir para nos dispor bem, de uma forma salutar, não ferido susceptibilidades. O humor pode também ser uma arma, pode também ser contundente. O humor é, de facto, muito versátil e é também uma espécie de índice da inteligência da própria pessoa.

– Que projetos tem a concretizar a curto ou médio prazo?

– As coisas comigo acontecem e sucedem-se num percurso diria eu normal, nunca procurei "alinhar" ou programar isto ou aquilo. Agora estou à procura de uma peça para fazer mas ao mesmo tempo estou condicionado ao tipo de público que tenho, ao qual eu preciso de dar o meu melhor, na medida em que ele tem uma determinada expectativa à minha profissão, em que eu procuro retribuir com o máximo de qualidade.

Se me for dado fazer um filme, fá-lo-ei, estudá-lo-ia e veria se aceitava ou não. Era para fazer agora um espetáculo musical sobre o gelo mas infelizmente não o pude fazer porque caí e parti uma perna, e agora estou a recuperar, embora demore o seu tempo. É uma coisa que também nos condiciona psicologicamente pois sentimo-nos um pouco diminuídos nas nossas capacidades e competências de todos os dias. Nesta fase de recuperação, os trabalhos tiveram que ser adiados, o que as pessoas compreenderam por ser um problema de saúde. Depois a vida prossegue; isto faz parte: é um acidente, uma vicissitude da vida. As coisas vão-se sucedendo, nada acontece por acaso.

– "Saúde Mental é..."

– Se não tivermos uma tranquilidade, uma paz interior, nós não conseguimos essa sanidade, esse positivismo, ver as coisas de outra forma; vê-las-emos sempre como um lado escuro, sem um sorriso, sem alegria: isso é não ter saúde mental. Por isso é importante que se "jogue" contra os fatores que provocam a falta dessa sanidade. O facto de estarmos isolados, por exemplo: as pessoas quando estão mais ansiosas e preocupadas com determinadas coisas isolam-se. Felizmente já há, hoje em dia, uma maior abertura das pessoas a quem estuda estes problemas da nossa psique, do nosso comportamento social, sendo esse aspeto, o do comportamento, muito importante e relevante, isto porque um bom comportamento vai certamente proporcionar uma boa saúde mental, um certo controlo em relação a mim mesmo e aos outros porque quanto mais nós "controlados" nós estivermos, mais passamos esse controlo, essa felicidade para os outros. A falta disso traduz-se num desequilíbrio. Voltando ao aspeto do isolamento, gostaria de salientar que o homem não foi criado para viver sozinho, o homem é um ser gregário, sendo que a comunicação e a troca de afetos são pilares essenciais e estruturantes em toda a nossa vida, na formação do nosso carácter e também na nossa qualidade de vida e quanto mais nós temos presente de que precisamos uns dos outros e que isolados não conseguimos fazer nada, mais fortes e confiantes nos tornamos. O Homem tem uma condição muito especial dentro da Natureza. A Natureza deu-nos a capacidade de raciocinar, de criar e de refletir acerca de nós mesmos, que os outros animais não têm e daí o humor, a autocrítica construtiva, a sanidade mental serem muito importantes.

Fazem falta, não só como complemento, mas também porque conduz a uma melhor e mais salutar reflexão e forma de agir para com as outras pessoas. Eu vou estudando, à medida do que me é possível, Ciências da Comunicação na Universidade Nova, porque considero que é uma matéria muito interessante. Quando nós estudamos os grandes filósofos, damos-nos conta dessa capacidade que nós temos de comunicar e de nos reinventarmos, de

descobrir novas maneiras de comunicar, das quais as novas plataformas são exemplo. Se por sua vez, estas facilitam o acesso a uma enorme quantidade de informação, também nos fazem crescer no que toca à nossa capacidade seletiva e de reflexão acerca do “mundo que nos entra pela casa adentro” e, mais uma vez, o autoconhecimento de nós próprios e a salutar reflexão e comunicação, são determinantes.

Passeio a Leiria



É com regularidade que os *Espassus 3G* da Junta de Freguesia de Carnide organizam passeios junto da comunidade. Desta vez fomos a Leiria.

Este passeio teve lugar dia 18 de Janeiro e nele participaram o GAC, outras instituições e moradores.

Tivemos a oportunidade de visitar um moinho onde, paralelamente, se produz pão artesanal no piso de cima e papel no piso de baixo.

Visitámos também o museu da cidade, que aconselhamos vivamente a todos os que forem a Leiria, e por fim visitámos a Sé da cidade e alguns subiram ao Castelo de Leiria com a Dra. Marta.

Eu e a Isabel ficámos na Sé e descobrimos um café muito acolhedor ali perto. Por fim, o grupo todo juntou-se no café e assim se findou a viagem a Leiria.

Luís Filipe Costa
Isabel Encarnação

Na camioneta, o guia era muito divertido e disse umas “chalaças” à boa moda portuguesa.

São Pedro não nos protegeu da chuva, no entanto resolvemos o problema com guarda-chuvas e carapuços. Não tivemos oportunidade de visitar o estádio devido ao tempo, mas gostámos todos muito de todos os locais que visitámos. Trouxemos também iguarias e lembranças.



Parque Mayer



Estamos em Lisboa em 1918, 1920. Lisboa era uma cidade triste, onde a maior parte das pessoas se vestia de negro, cinzento ou castanho. As mulheres não entravam nos cafés porque parecia mal. É então que surge o Parque Mayer, sob a autoria de Luís Galhardo, escritor e jornalista, que teve a ideia de abrir um parque de diversões nos Jardins do Palacete construído por Lima Mayer, Prémio Valmor, que lhe dá o nome.

Gradualmente, as mulheres portuguesas habituaram-se a dar, livremente, o braço aos seus maridos e a passear junto aos cafés do Parque Mayer.

O Parque Mayer era um espaço polivalente de expressões artísticas: do desabrochar de talentos ao respeito e cultivo pela arte de fazer espetáculo; de local obrigatório nas noites lisboetas a espaço onde milhares de pessoas de todo o país se deslocaram. Todos levaram no coração a memória de grandes momentos e o carinho de dezenas de artistas de grande plano que, através da sua humildade e simpatia, souberam dignificar a arte de representar.

Era constituído pelo Teatro Maria Vitória, Teatro Variedades e Teatro Capitólio, entre diversas "tendinhas" de café e diversões, e marcou definitivamente uma época da vida cultural portuguesa.

Paula Silva

Baseado na Obra de Jorge Trigo/Luciano Reis

"Parque Mayer"

1922/1952 Vol.1



Agenda GAC

Outubro:

Comemorações do Dia Mundial da Saúde Mental.

Novembro:

Dia da Bondade na Junta de Freguesia de Carnide.

Dezembro:

Festa de Natal.